

## FUTEBOL E ANARQUISMO: UMA PELEJA DESIGUAL SOCCER AND ANARCHISM: AN UNEQUAL BATTLE

*Agnaldo Kupper \**

### RESUMO

A reconstrução da história brasileira passa pela compreensão das lutas políticas entre grupos subalternos, sobretudo os elementos característicos da cultura mental que presidiram as lutas operárias e os dirigentes trabalhistas, explosão e perda do vigor do anarquismo e o avanço do futebol como prática social, esportiva e, sabe-se lá, política.

**PALAVRAS CHAVE:** movimento operário; repressão política; anarquismo; futebol.

### ABSTRACT

The reconstruction of Brazilian history goes through the understanding of political struggles between subaltern groups, specially the characteristic elements of mental culture that presided over workers' struggles, and the labor leaders, explosion and the loss of force of anarchism and the advance of soccer as a social, sportive and political practice.

**KEYWORDS:** labor movement; political repression; anarchism; soccer.

### RESUMEN

La reconstrucción de la historia brasileña pasa por la comprensión de las luchas políticas entre grupos subalternos, sobretudo los elementos característicos de la cultura mental que presidieron las luchas de los obreros y los dirigentes laborales, explosión y pérdida de vigor del anarquismo y el avance del fútbol como práctica social, deportiva y, quien sabe qué política.

89

**PALABRAS CLAVE:** movimiento obrero; represión política; anarquismo; fútbol.

### INTRODUÇÃO

A princípio praticado apenas em clubes de alta sociedade. Com o tempo, vão surgindo pequenos times que passam a disputar partidas concorridas nos diversos campos na Várzea do Carmo, Parque Dom Pedro II, cidade de São Paulo. Não demora, agremiações despontam. Caso do Sport Club Paulista (1910), Santos Futebol Clube (1912), União Mogi Futebol Clube (1913). Na mesma leva, Vasco da Gama, Clube de Regatas Flamengo, Palmeiras (Palestra Itália), Botafogo, Club Athletico Paulistano (atual São Paulo Futebol Clube), entre dezenas de outros (isto para ficarmos no eixo Rio-São Paulo).

O surgimento de tantos times de futebol no Brasil, principalmente no primeiro quartel do século XX, em uma época em que este esporte era quase que exclusivamente praticado pelas camadas sociais mais favorecidas (como, guardadas as devidas proporções, o golfe ou o tênis em nossos dias), fez com que a modalidade se tornasse uma poderosa expressão dos setores sociais mais pobres, em uma disseminação impressionante. Muitos apontariam como razões de tal expansão a alienação, a prática simbólica da socialização, a teatralização da vida social, a encenação abstrata da guerra. Mas é fato que o futebol difundiu-se no Brasil no anos 10 e 20 do

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

---

\* Professor de ensino superior e de pós-graduação; historiador; autor de livros didáticos e paradidáticos

século XX, quando ideologias como o anarquismo e o comunismo norteavam as ações políticas dos setores sociais mais oprimidos em grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro.

Campos de futebol foram criados aos montes nos fundos das indústrias nas primeiras décadas do século passado, talvez para que a prática fosse enraizada entre trabalhadores. Quem sabe, assim, os operários passassem a jogar aos domingos, discutindo os jogos realizados nas segundas e terças, preparando-se para o próximo embate na quarta, quinta, talvez sexta-feira, chegando-se ao ápice da expectativa no sábado. Caso a tese seja correta, teria a luta trabalhista sido trocada por uma bola?

## O CRESCIMENTO INDUSTRIAL BRASILEIRO

Henrique Raffard<sup>2</sup>, em 1890, constatou em sua passagem pela cidade de São Paulo, ser a Paulicéia um centro estrangeiro, “falando tanto o italiano como o português” Souza Pinto, jornalista português que chegou a São Paulo em 1905, narra que, em primeira instância, teve dificuldades para se fazer entender pelos cocheiros de tilburis, expressão: “(...) encontramos-nos a cogitar se por estranho fenômeno de letargia, em vez de descer em São Paulo, teríamos ido parar à cidade do Vesúvio”<sup>3</sup>. Poderia aqui citar outras observações semelhantes de personalidades da época. Estas talvez bastem, já que acusam a elevada presença italiana na cidade. Caso reste alguma dúvida, partamos aos dados censitários da Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo: em 1893, dos 130.775 habitantes da capital paulista, 45,3% eram brasileiros e 34,45% italianos.

O grande atrativo para trabalhadores europeus dirigirem-se ao Brasil a partir da segunda metade do século XIX foi a expansão das lavouras do café (em especial a partir de 1870 e no Estado de São Paulo)<sup>4</sup>. O estímulo do governo brasileiro através de órgãos de imprensa, atraiu fortemente europeus para a chamada “terra da oportunidade”. O café trouxe a indústria e, com o desenvolvimento urbano industrial de São Paulo, estima-se que em 1900 quase o total da força industrial paulista era composta por estrangeiros. Em 1912, das onze fábricas têxteis da cidade de São Paulo, que empregavam 10.184 trabalhadores, 8.741 eram estrangeiros e, destes, 6.044 italianos “puros”<sup>5</sup>

O censo de 1907 aponta para a existência de 3410 estabelecimentos industriais no Brasil. A esta época, o Rio de Janeiro era o maior centro fabril do país, respondendo por 30% da produção total, empregando 24% do operariado brasileiro. Cabia a São Paulo 16% da produção. O setor de alimentação superava o têxtil, envolvendo o refino de açúcar e cereais, fabricação de bebidas e massas alimentícias. Neste caso, o Estado de São Paulo superava, em produção, a capital federal (Rio de Janeiro).

Esse processo de industrialização havia sido impulsionado por volta de 1880, ainda no Segundo Império (1840-1889). Sofreu abalos entre 1894 e 1904 devido a uma série de crises políticas, econômicas e financeiras. A partir de 1905, o crescimento industrial recomeçou, atingindo um ritmo maior entre 1910 e 1914 e acelerando-se ainda mais entre 1915 e 1919, como efeito da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). São Paulo superou definitivamente o Rio de Janeiro como centro industrial por volta da metade da década de 1910 devido à conjugação de vários fatores: existência de capital proveniente do setor cafeeiro, presença de estradas de ferro e

<sup>2</sup> Dez dias na Paulicéia. Rio de Janeiro, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo 9, parte 1, 1893.

<sup>3</sup> Souza Pinto. Impressões do Brasil. São Paulo, datilografado, 1905.

<sup>4</sup> John Dulles. Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

<sup>5</sup> Celso Furtado. The Economic Growth of Brazil: a survey from colonial to Modern Times, p. 153.

de usinas de energia elétrica, grande fluxo de trabalhadores imigrantes e consequente formação de um mercado consumidor interno de certo vulto.

Mas as condições de vida dos operários do Brasil eram lastimáveis: casas infectas, falta de água e ausência de serviços de esgoto e iluminação. Tudo isto somado aos baixos salários, à inflação galopante, à ausência de regulamentação mínima de trabalho, à alta jornada de trabalho, à exploração em massa de mulheres e crianças nas fábricas. Pior ainda: a disciplina nos centros produtores era rigorosa, com erros insignificantes chegando a acarretar multas e até castigos corporais para meninos e aprendizes.

## ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

À medida que o processo de industrialização avançava em áreas como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, o antagonismo entre a burguesia e o proletariado industrial engrandecia. Passaram a surgir associações demonstradoras da obtenção de consciência do operariado em formação, lapidados em idéias pela experiência de imigrantes, com as ligas ou associações de resistência organizando os trabalhadores na luta por melhores salários e condições laborais.

Em 1906, o I Congresso Operário Nacional foi realizado com a presença de associações, ligas, sindicatos e uniões operárias de São Paulo, Rio, Minas, Bahia, Alagoas, Ceará e Pernambuco. Em 1908, instalou-se a Confederação Operária Brasileira (COB), no Rio de Janeiro, representando dezenas de trabalhadores de todo o país. Dezenas de jornais foram criados entre 1910 e 1930<sup>6</sup>.

O movimento operário brasileiro, no primeiro quartel do século XX, esteve fortemente vinculado a correntes ideológicas como o comunismo, o anarquismo e o anarco-sindicalismo. Os sindicatos não se constituíram apenas em instituições corporativas, mas representaram, também, a busca de estratégias para a conscientização da classe operária, apesar das necessidades que se faziam prementes: diminuição da jornada de trabalho, melhoria salarial e conquistas estruturais nas fábricas.

A participação da ideologia anarquista nos sindicatos operários começou a se manifestar já nos últimos anos do século XIX. Para muitos anarquistas, o sindicalismo visava objetivos imediatos, o que o fazia conservador por contribuir com a manutenção do sistema capitalista. Ou seja, ao se estruturar em torno de reivindicações, levava o capitalismo em consideração, reafirmando-o. A combinação da ideologia anarquista com o sindicalismo deu origem ao anarco-sindicalismo. A Revolução Russa de 1917, ao manifestar praticidade, proliferou a face comunista, reacendendo os debates sindicais por trazer novas formas de ação e de organização partidária.

Os conflitos entre os proprietários de indústrias e o operariado brasileiro gerou a repressão do governo oligárquico do país, claro representante dos interesses da elite econômica nacional. O sindicato tornou-se, assim, referência de defesa dos trabalhadores nacionais, tornando-se o símbolo da organização dos trabalhadores do país ao promover debates, conferências artísticas e de lazer, sempre com o objetivo de obtenção da consciência de classe, que se manifestava em greves e arregimentações.

Incentivado pelas ações repressivas governamentais, o sindicalismo fez florescer inúmeros jornais libertários como o *II Risveglio*, o *La Cavaglia* e *O Protesto*.

O anarquismo e o anarco-sindicalismo mostraram-se, nos primeiros anos do século XX, como os movimentos articuladores mais eficazes no combate à repressão do Estado, sendo

<sup>6</sup> John Dulles. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1915)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, 1ª edição.

fundamentais nas greves de 1917 e 1919 em São Paulo e na de 1918 na cidade do Rio de Janeiro. Porém, em São Paulo, a atuação do anarquismo e do anarco-sindicalismo mostrou-se mais vigorosa e intensa. Uma das razões seria a estrutura operária paulista, edificada em torno de imigrantes que, ao adentrarem ao país, estavam contagiados de boa dose ideológica.

## O FUTEBOL NO BRASIL

Uma das primeiras menções ao futebol no Brasil data dos anais de 1746 da Câmara Municipal de São Paulo, que proibia o jogo da bola, pois o considerava causador de agrupamentos de vadios e desordeiros.

Crê-se, no entanto, que os ingleses foram os primeiros a jogar bola nas praias e capinzais existentes no litoral brasileiro. Informações dão conta de que, por volta de 1875, trabalhadores ingleses e brasileiros pertencentes a empresas britânicas, enfrentaram-se em partidas de futebol no campo do Payssandu Cricket Club, no bairro Laranjeiras, cidade do Rio de Janeiro.

O futebol association, com suas regras, foi trazido para o Brasil por Charles Miller (1874-1953), filho de pais ingleses, nascido no Brasil que, com nove anos de idade, foi enviado para estudos no Banister Court Scholl, em Southampton, Inglaterra. Ao retornar a São Paulo, em 1894, trazia em sua bagagem duas bolas de couro, camisas, chuteiras e calções, passando a divulgar a prática. Fontes indicam que as primeiras pelepas foram disputadas na Várzea do Carmo. A historiografia assinala a data de 14 de abril de 1895 para a realização da primeira partida de futebol no país. O ano de 1898 assistiu à criação do primeiro clube destinado ao futebol no Brasil: Associação Atlética Mackenzie College. Em 1900 foi criado o Clube Atlético Paulistano. Os dois clubes organizaram, em seguida, a Liga Paulista de Futebol.

92

O caráter da prática era elitista, com agremiações fechadas. Tal elitismo pode ser demonstrado nos preços cobrados aos que desejassem se associar aos clubes familiares que foram sendo formados: altíssimos, para a época. Ao serem anunciados para uma partida (escalação), os jogadores tinham os nomes antecidos por “senhor”<sup>7</sup>

No Rio de Janeiro, a prática do futebol ganhou projeção após a reurbanização da cidade no início do século XX, com organização de Francisco Pereira Passos. Nesta modernização da cidade, centenas de habitações de segmentos sociais menos favorecidos foram colocadas abaixo para dar lugar, entre outros, a grandes avenidas. A grande parcela da população prejudicada pelas obras não tardou a revoltar-se, fazendo surgir a primeira grande revolta urbana da história brasileira: a Revolta da Vacina (1904), reprimida com a força da polícia e, quem sabe, com o estímulo ao futebol nos terrenos baldios e nas praias, em especial entre os maltsas.

O jogo com bola, seja em São Paulo, seja no Rio de Janeiro, perdeu rapidamente o seu caráter elitista, ganhando força, enquanto modalidade, entre os “cabras”.

A partir de então, a prática do futebol tem sido utilizada como instrumento ideológico para acalmar as massas, como ocorreu durante o período ditatorial militar brasileiro (1964-1985), em especial durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), que lançou mão do futebol para atenuar conflitos políticos e sociais.

Pensado enquanto esporte, o futebol praticado nas peladas de ruas ou em campos de várzea, pode refletir a singularidade da cultura nacional. Pensado enquanto negócio, a prática tem sofrido um processo de mercadorização, com o uso de patrocinadores, com a venda de direitos de imagens de jogadores e da própria comercialização dos direitos de transmissões pelos canais de televisão.

---

7 Tomás Mazzoni. *História do Futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950.

O fato é que o futebol representa s formas de viver de uma sociedade, colaborando para distinguir as classes sociais, desmobilizando resistências e colaborando para a estabilidade social em nosso país.

## O FUTEBOL SOB OS OLHARES ANARQUISTAS E COMUNISTAS

Muito antes de se disseminar pelas fábricas, o futebol disseminou-se pelos ambientes escolares ingleses, em especial devido à intensa urbanização da segunda metade do século XIX. Tornou-se a válvula de escape de um processamento opressor.

Mas foi mesmo entre os operários que fez grande sucesso, ao ponto de Hobsbawn (1987) classificá-lo como a “religião leiga da classe operária”.

No Brasil, nomes como Afrânio Peixoto chegaram a alardear as vantagens da prática do futebol como forma de “curar os males sociais do Brasil a partir da disciplina e do desenvolvimento do espírito de grupo”.

O futebol é um esporte de fácil assimilação e improviso. Diria anárquico. Joga-se como quiser. O campo de jogo pode ser adaptado, assim como as metas (gols). Dois pares de chinelas podem ser o bastante para delimitar o objetivo. O campo pode ser um pedaço de calçada ou de rua. O piso pouco importa: regular, irregular, íngreme. O tempo é livre. Pode até ser por número de tentos marcados, tal qual “vira a seis, termina a doze”. Oficialmente, onze jogadores de cada lado, mas podem ser unidos quantos jogadores se desejar ou se tiver à disposição. Com goleiro, sem goleiro, com goleiro-linha. Até a bola pode ser adaptada. Pode-se apitar por consenso. A tática pode existir ou ser traída.

A princípio, com o futebol ganhando fôlego no Brasil, as empresas passaram a criar seus times (até mesmo clubes de futebol!). Na década de 1920, difícil apontar uma grande indústria que não tivesse seu time principal. Ou seja, o esporte de elite entregou-se aos trabalhadores. Muitos times fabris passaram por um processo de profissionalização, fazendo surgir o “operário-jogador”.

Os anarquistas e comunistas, por dominarem os principais sindicatos trabalhistas, não viam com bons olhos a proliferação da prática fubebolística, torcendo o nariz para sua popularização. Pelo menos a princípio. Chamavam-no de esporte burguês, apontando os males dos times em fábricas, o que desvirtuava a luta de classes ao defender-se o nome da empresa. O jornal *A Plebe*, em sua edição de 28 de janeiro de 1933, criticava abertamente a prática por “segregar operários”.

Mas mesmo os anarquistas e comunistas renderam-se, dando o braço a torcer e estimulando a prática, desde com fins educacionais e de solidariedade.

O jornal *Nossa Voz* (01 de julho de 1934) chegou a afirmar: “Trabalhadores que somos, organizaremos nossos clubes, as nossas ligas, feitos e dirigidos por nós mesmos, sem interesse de dinheiro, mas só animados pelo espírito de solidariedade proletária”.

A entrega se deu. O futebol, ao que parece, prevaleceu e venceu, passando a ser visto como estímulo para atrair trabalhadores para as reuniões sindicais.

## CONCLUSÕES

Na busca de significados e do funcionamento das sociedades, as mais diversas linguagens tornaram-se objetos privilegiados para as análises, vistas, cada vez mais, como metáforas da realidade. Os variados discursos (orais, rituais, escritos, musicais, arquitetônicos) passaram a ser codificados com maior freqüência, procurando apreender seus elementos de tensão social

e seus sentidos históricos, sua produção e sua circulação num dado meio social. Ou seja, faz-se necessária a identificação de elementos da “micro história” e sua valorização diante da tradicional “macro história”.

A história contemporânea caracteriza-se pela ausência de concordância de idéias, de opiniões. A multiplicação das pesquisas faz com que percamos a dimensão do conjunto, gerando fragmentações excessivas. Os historiadores perdem-se em seus próprios critérios, afirmando suas dúvidas e relativizando suas conclusões e críticas.

História se faz desvendando os processos reais, levantando problemas. Fazer História concentra um duplo sentido: ação do sujeito que opera o conhecimento e a ação individual ou coletiva que foi considerada relevante em determinada fase da vida humana. Mas o que é relevante? Para quem? Podemos, sim, como historiadores, defender teses e revê-las quando oportuno. A vontade da verdade é insuficiente.

Trabalhar a suposta relação anarquismo-futebol, como relação de construção e desconstrução, parece consistente e contemporâneo. Até porque é futebol. E, no Brasil, uma paixão.

Os indivíduos diretamente envolvidos com a greve de 1917 foram violentamente reprimidos pelo Estado. Nos anos seguintes, como se fosse um mal a ser extirpado, as perseguições continuaram.

Nas primeiras décadas do século XX, nenhum grupo sofreu maior perseguição que os anarquistas. Por pregarem o fim absoluto dos privilégios, do Estado e das forças policiais, e a extinção de todo tipo de hierarquia, além de defender a propriedade coletiva dos meios de produção, os seguidores desta ideologia se viram em apuros.

Uma das formas mais habituais de repressão ao anarquismo e ao anarco-sindicalismo era a expulsão de militantes do Brasil. Aos nascidos no Brasil, o confinamento a colônias penais em áreas de difícil acesso, em especial localizadas na Amazônia. A tortura nas prisões tornou-se prática corriqueira.

No campo, não era diferente, com os libertários sendo vigiados e perseguidos pelas forças policiais. Estimulava-se, também, no caso de colônias rurais fundadas por anarquistas, denúncias de vizinhos. A Colônia Cecília, fundada no Paraná, pode ser colocada como exemplo desta última prática.

Mas não foram apenas práticas “duras” de repressão as utilizadas. Ações mais sutis também teriam sido colocadas em prática como o estímulo às pelegas de futebol entre trabalhadores, que podem ter contribuído para desagregar trabalhadores em suas lutas e para minar a organização sindical nos principais centros produtores do país, em especial no primeiro quartel do século passado.

O futebol, então prática das elites sociais, avançou, popularizando-se e invadindo o dia-a-dia de toda o Brasil. Vitória da bola.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo. *Anarquismo e Anarcosindicalismo (teoria e prática no movimento operário brasileiro – 1906-1922)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2002.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. *Negócios e Ócios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

FLOREAL, Sílvio. *A Ronda da Meia-Noite – Vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem Patrão*. São Paulo: E-VUNESP, 2002.

LEONARDI, V. P. de Barros. *Efeitos Sociais da Primeira Industrialização no Brasil*. In História do Século XX. São Paulo: Abril, 1975, vol. 3.

\_\_\_\_\_. *O papel do imigrante na evolução do Brasil*. São Paulo: Abril, 1975.

LORENZO, Helena C. & COSTA, Vilma P. da. *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: E-VUNESP, 1997.

MALATESTA, Errico. *Socialismo y anarquia*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977.

MARAM, Sheldon L. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

NOGUEIRA, Armando. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

PATUSCA, Araken. *Os reis do Futebol*. São Paulo, 1976 (sem editora).

PEDROSA, Milton (org). *Gol de Letra. O Futebol na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, 1967.

PINHEIRO, Paulo César de M. Sarmiento. *Cultura e Sociedade no Brasil (1900-1914)*. In História do Século XX. São Paulo: Abril, 1975, vol. 3.

\_\_\_\_\_. *A classe operária do Brasil (1889-1930)*. Documentos. O Movimento Operário. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, vol. 1.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

ROBERTS, J.H. *Socialismo, Anarquismo e Violência*. São Paulo: Abril, 1975.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo, Dominus, 1966.

WISNIK, José M. *Veneno Remédio – o Futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.